

A agroecologia no contexto escolar - A realidade da eco escola thomas a kempis – pedro II - PI

Agroecology in the School Context - The Reality of Thomas A Kempis Ecoschool– Pedro II - PI

Raimunda Aurea Dias de Sousa*

Universidade de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI), Brazil
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4646-4500>
Email: aureasouza@upe.br

Márcia Valéria de Sousa Nogueira

Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI), Brazil
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5471-279X>
Email: marciavalerianogueira21@gmail.com

Recibido / Received: 13/02/2026

Aceptado / Accepted: 07/05/2026

Resumo: Uma Educação voltado para o campo com práticas agroecológicas não é uma realidade no espaço rural brasileiro, especialmente, em assentamentos e acampamentos de reforma agrária. Nesse sentido, o estudo ocorreu na EcoEscola Thomas a Kempis localizada no município de Pedro II no estado do Piauí e objetivou analisar como a agroecologia encontra-se efetivada dentro da escola, destacando sua importância na materialização de transformações não somente dentro da comunidade escolar, mas fora dela, portanto, na produção e reprodução de gente. Para alcançar o objetivo, o percurso metodológico baseou-se em análise qualitativa/quantitativa a partir dos eixos: a) pesquisa bibliográfica; b) análise documental; c) práticas de campo. Como resultados pode-se perceber que a unidade escolar sendo criada no contexto da inserção das escolas famílias agrícolas no Brasil, mas, por escolhas político-pedagógicas adota uma educação voltada para convivência com o semiárido e o Ensino de Tempo Integral o que dificulta o diálogo com agroecologia no seu sentido político e comprometido com a reprodução de homem/mulher/natureza. Assim, mediante análise, a conclusão sinaliza para uma escola que, inserida no espaço rural, tem na disciplina de agroecologia uma aproximação com a comunidade sem efetivar de fato a práxis pedagógica, uma vez que teoria e prática não se fundem.

Palavras-chave: Educação, Ensino, terra.

Abstract: Education focused on the countryside with agroecological practices is not a reality in rural Brazil, especially in agrarian reform settlements and camps. In this sense, the project took place at the Thomas a Kempis EcoSchool in the municipality of Pedro II, in the state of Piauí, and its aim was to analyse how agroecology is implemented within the school, highlighting its importance in bringing about transformations not only within the school community, but outside of it, and therefore in the production and reproduction of people. In order to achieve this objective, the methodological approach was based on a qualitative/quantitative analysis based on: a) bibliographical research; b) documentary analysis; c) field practices. The results show that the school was created in the context of the introduction of agricultural family schools in Brazil, but due to political-pedagogical choices, it adopts an education focused on coexistence

1. Artigo resultado da dissertação de Mestrado intitulada: Educação no/do campo e agroecologia: uma análise pedagógica da Ecoescola Thomas a Kempis-PI, concluído no Programa de Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da Universidade de Pernambuco – campus Petrolina no ano de 2023 e da pesquisa – desenvolvida para o EDITAL FACEPE Nº 02/2025 como requisito para seleção referente ao Programa de Bolsas Pernambucanas de Produtividade: Interiorização.

with the semi-arid region and full-time teaching, which hinders dialogue with agroecology in its political sense and commitment to the reproduction of man/woman/nature. Thus, through analysis, the conclusion points to a school that, inserted in the rural space, has in the discipline of agroecology a rapprochement with the community without actually realizing the pedagogical praxis, since theory and practice do not merge.

Keywords: Education, Teaching, Land.

1. Introdução

Ha um confronto entre modelo igualmente insano de agricultura imposto à sociedade pelo “caminho usual dos negócios” com os ricos processos de reconstituição ou restauração da função social da escola pública nos territórios camponeses que se movem centralmente pelo trabalho vivo de restauração da função social e ambiental da terra (Caldart, 2020). É dentro desse contexto que a Ecoescola Thomas a Kempis, situada no Sítio Revedor, a 2,5 km da sede do município de Pedro II, no Estado do Piauí, vivencia. Essa escola, foi fundada em 2001 pelo Centro de Formação Mandacaru e mantida pelo próprio Centro em parceria com a Prefeitura Municipal de Pedro II e o Governo do Estado do Piauí via Secretaria de Educação (SEDUC) que se constitui como uma instituição de ensino filantrópica. Atende, gratuitamente, a crianças e jovens do campo e da cidade (desde que tenham vínculo com o campo) nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em regime de tempo integral.

A escola no campo, filantrópica e de tempo integral, explica-se por ser a agricultura um lugar de destaque nesse quadro das contradições estruturais e da construção de alternativas. Talvez, em nenhum outro âmbito estejam tão explícitas (embora não massivamente compreendidas) tais contradições. O avanço do sistema capitalista no campo “impõe um modelo de trabalho pedagógico que aparta a educação das necessidades humanas básicas de convivência, de trabalho, de relação com a natureza viva, de conhecimento, de liberdade de expressão e de criação” (Caldart, 2020, p. 5). A escolha para estudar a unidade escolar, partiu das contradições entre o avanço do sistema capitalista no campo e por ser a única Escola Família Agrícola no Estado do Piauí a apresentar no seu currículo a agroecologia como parte integrante do processo formativo desde a sua origem.

1.1. Problema e objetivo

Dentro desse contexto, a presente pesquisa foi guiada pelo seguinte problema: Como a agroecologia possibilita ser trabalhada como princípio educativo dentro da escola? Com base na problemática, traçou-se o seguinte objetivo: analisar como a agroecologia encontra-se efetivada dentro da escola, destacando sua importância na materialização de transformações não somente dentro da comunidade escolar, mas fora dela, portanto, na produção e reprodução de gente.

1.2. Metodologia

A metodologia centrou-se em cinco eixos operacionais:

- a) Organização de pesquisa bibliográfica nos conteúdos: Agroecologia - Caldart (2019), Guhur y Toná (2012); Prática pedagógica - Caldart (2023), dentre outros por considerar que apresentam importantes reflexões.
- b) Análise documental: baseou-se em documentos como: Projeto Político-Pedagógico (PPP) (2018 a 2022); Matriz curricular, planos de estudos; Arquivos do Centro

de Formação Mandacaru (2000 e 2022); Arquivos da Associação das Escolas Famílias Agrícolas do Piauí (2021 e 2022), Resoluções CEE/PI que regulamentam os procedimentos de autorização, de renovação de autorização e o funcionamento de cursos da Educação Básica do Sistema Estadual de Ensino do Piauí (2000 a 2020); Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual do Piauí dos anos de 2020, 2021 e 2022; Marcos Normativos da Educação do Campo (2012).

- c) Prática de campo: consistiu na análise qualitativa/quantitativa não objetivando somente quantificar as respostas, mas, sim, entender as respostas dos participantes da pesquisa por meio da aplicação de questionários aos mesmos que já possuíam uma interpretação prévia da realidade, por atuarem na unidade escolar. Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, foram elaborados três questionários², para os participantes escolhidos por realizarem a práxis pedagógica (professores, gestão e estudantes) com questões diferentes para os grupos: professores, contendo sete questões; estudantes, com oito; gestor(a) do Centro de Formação Mandacaru, também com oito. Desse modo, após a explicação da pesquisa para os professores, gestão e estudantes, os questionários foram aplicados para aqueles que, espontaneamente, quiseram contribuir com o estudo, descritos da seguinte forma:

- a) Dos docentes (10) foram obtidas respostas das disciplinas de História, Geografia, Ciências/Biologia, Sociologia, Filosofia, Agroecologia e Meio Ambiente por considerarem que esses docentes, por serem das Ciências Humanas, teriam condições de analisar melhor as diversas facetas enquanto Escola Família Agrícola que adota os princípios da Agroecologia, Convivência com Semiárido e Tempo Integral e estarem há mais anos na escola, uma vez que a rotatividade de docentes é bem frequente na Ecoescola;
- b) Dos estudantes do Ensino Médio (40) divididos em: 1º ano - (15); 2º ano - (15); 3º ano - (10), tendo como base a quantidade de matrículas do ano de 2022, totalizando 71 (setenta e um) matriculados, sendo 1º ano - (25); 2º ano - (25); 3º ano - (21). Os anos diferentes consistiram no entendimento de como os estudantes do Ensino Médio se inserem nas alterações curriculares desde Escola Família Agrícola, Convivência com o semiárido e tempo integral, portanto, vivenciaram as diferentes metodologias de ensino;
- c) Presidenta e gestora do Centro de Formação Mandacaru (01), por, também, fazer parte da gestão da escola. Sobre essa técnica, Minayo (2007) destaca que a entrevista semiestruturada combina com questões fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulação.

Ao mencionar os participantes, optou-se por não utilizar os nomes, a fim de não ocorrer a identificação do mesmo. Na análise foram tratados como D (1,2...) para

2. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM)/Universidade de Pernambuco (UPE), sob o parecer substanciado do CEP, de Nº 5.500.044 31 de maio de 2022.

docentes seguido pela letra inicial da disciplina que ministra (A- Agroecologia, B- Biologia, F- Filosofia, G- Geografia, H- História, MA- Meio Ambiente e S- Sociologia); E (1,2...) para estudantes e G (1) para o(a) gestor(a) da Fundação Mandacaru. As idas e vindas à instituição foram de extrema importância para conhecimento do cotidiano escolar mediante as observações, processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica (Minayo, 2007), via acompanhamento das aulas teóricas e registrando no diário de bordo, tanto as práticas quanto a feira agroecológica que ocorreram no Sítio Revedor com a participação e o funcionamento da escola no que se refere ao tempo integral e à metodologia da convivência com o semiárido.

- d) Análise de Dados constituiu uma etapa relevante da pesquisa, pois permitiu compreender o fenômeno em estudo, uma vez que a análise e interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa (Minayo, 2007). As informações levantadas foram analisadas à luz do método materialismo histórico e dialético que segundo Conceição [...] visa ao conhecimento da sociedade como totalidade. O ponto de vista da totalidade não determina somente o objeto, mas também o sujeito. A totalidade só pode ser determinada se o sujeito que a determina é ele mesmo uma totalidade (Conceição, 2021, p. 5).

O mesmo, tem como pressuposto a análise crítica da realidade a partir da unidade das contradições e da leitura da totalidade das relações sociais. Também, contribui para que a realidade seja superada a partir da relação teoria-prática.

Ao assumir o materialismo histórico e dialético, procurou-se ter uma escolha posicional sobre o que se estuda, a sua postura na realidade vivida, pois durante o processo de pesquisa assumem-se posturas históricas.

Diante do método, foi possível entender os resultados tendo como base os(as) teóricos(as) que embasam esta pesquisa. Desenvolveu-se as análises dos dados qualitativamente por meio do agrupamento e cruzamento de informações na perspectiva de construir um panorama de interpretação resultando em quadros e figuras que possibilitou compreender criticamente as informações, articulando-as aos referenciais teóricos que fundamentam o estudo.

1.3. Resultados

Como resultados, embasado no método materialismo histórico e dialético utilizou-se como categoria da dialética – conteúdo e forma, uma vez que, o primeiro é um todo unitário e os elementos que o compõem o objeto, no caso da escola família agrícola, estruturam uma totalidade tendo como base o movimento; já a segundo atua na maneira pelo qual esses componentes do objeto que definem o conteúdo se congregam compondo a estrutura.

Dessa forma, como o conteúdo é determinante da forma, suas mudanças forçam e alteram a forma. Contudo, no momento em que a forma deixa de corresponder ao conteúdo torna-se um entrave ao desenvolvimento dele, por isso na unidade conteúdo/forma surge a contradição crescente, destruindo o antigo (no caso da finalidade Escola Agrícola) para que o novo conteúdo adquira outra forma.

O “novo” conteúdo, nesse caso, está fundamentado na adesão aos financiamentos do

Estado via implantação da escola de tempo integral. Assim, o salto qualitativo caminhou em direção ao Estado e não conforme interesse da comunidade, portanto, na contramão do Sítio Revedor (localização da escola em estudo), já que a expansão capitalista inviabiliza totalmente a condição de ser permanente necessária a humanidade.

Pode-se perceber pelos dados empíricos que mediados pela teoria, possibilitaram reflexão crítica a respeito das contradições que emergem no interior da escola que, por sua vez, não se desligam daquilo que é próprio do sistema do capital – transformar a unidade escolar em um instrumento de acumulação de ganhos especulativo.

Comprovou-se também que, a escola em estudo, sendo criada no contexto da inserção das escolas famílias agrícolas no Brasil, não conseguiu fazer a ruptura da forma obsoleta para um conteúdo alicerçado na autonomia da comunidade, mas, por escolhas político-pedagógicas adotou uma educação voltada para convivência com o semiárido e o Ensino de tempo integral o que dificulta o diálogo com agroecologia no seu sentido político e comprometido com a reprodução de homem/mulher/natureza.

A temática abordada, que não se encerra com essa pesquisa a princípio foi concluída, porém, ela ainda é processual, pois significa que o mesmo se dá no movimento entre pensamento-pensante, pensamento-pensado e realidade.

2. As técnicas agrícolas como agroecologia – a prática pedagógica da Escola Thomas a Kempis - Pedro II - PI

A agroecologia corrobora, nesse trabalho, com a análise de Guhur y Toná (2012), quando menciona que é um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses). Todavia, ao longo dos anos, diferentes concepções foram se delineando, desde as que a reduzem ao agrário, na lógica da substituição de insumos, da produção orgânica visando o mercado, até as que a definem como uma ciência, a exemplo de Altieri (1989), que atribui como sendo as bases científicas para uma agricultura alternativa e, segundo Caporal y Costabeber (2004), destacando que a agroecologia é permeada por várias dimensões: ecológica, social, econômica, política, cultural e ética.

De acordo com Caldart (2020), a estrutura interna da agroecologia é uma construção social, produto da coevolução entre a sociedade humana e a natureza que nasceu nos anos de 1980, como crítica à forma de desenvolvimento tecnológico que subordinava e subordina a produção agrícola à lógica do negócio, do lucro imediato, portanto, da depredação da natureza.

Na ocasião, o Brasil passava por investimento em uma agricultura voltada para o mercado com uso de pacotes tecnológicos (fertilizantes, sementes, agrotóxicos e máquinas). No final da década de 1990, os movimentos sociais populares do campo, em especial, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que compõem a Via Campesina³, incorporaram o debate agroecológico à sua estratégia política, dando importantes contribuições à sociedade, pois a compreende como um princípio educativo

3. Organização mundial que articula movimentos camponeses em defesa da agricultura familiar em pequena escala e agroecológica para garantir a produção de alimentos saudáveis. Entre seus objetivos, constam a construção de relações de solidariedade, de um modelo de desenvolvimento da agricultura que garanta a soberania alimentar como direito dos povos de definirem suas próprias políticas agrícolas. A Via, tem definido suas linhas políticas, como soberania alimentar com base no desenvolvimento local e na produção agrícola e agroecológica, na defesa das terras e territórios camponeses, indígenas por meio de políticas de desenvolvimento, como a reforma agrária integral; defesa das sementes como patrimônio da humanidade e da água como direito de todos. (Fernandes, 2012).

que orienta os sujeitos na construção de um projeto societário que supere o capital.

Porém, o referido modelo de agricultura não se conceitua de forma estática e mecânico, visto que ele se constitui na diversidade dos chamados movimentos sociais do campo e das florestas, bem como as ações práticas e teóricas que estão em constante processo de transformação decorrentes das características políticas, sociais e culturais de cada comunidade (Pires, 2017). Dessa forma, torna-se um fenômeno da prática social dos camponeses e de sua luta por uma nova forma de fazer agricultura, fazendo pontes entre as experiências, saberes, formas de produzir e de organizar as comunidades dos espaços rurais.

Esse modelo, no espaço rural, apresenta-se enquanto prática social dos camponeses que a veem como outra possibilidade para produzir e organizar sua vida no campo, contradizendo o capitalismo que degenera agricultura e relação homem/mulher/natureza marcada por sua capacidade de força e trabalho e de produção de riqueza via acumulação material de poucos, em função de excluir a maioria.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar a escrita de (Caldart, 2019, p. 4)

Agroecologia mexe com duas questões centrais ao futuro da humanidade: a questão do alimento (que inclui ar e água), em sua relação com a saúde dos seres vivos e a questão ambiental. Questões que assumem a importância estratégica cada vez maior, inclusive do ponto de vista de luta de classe.

Nessa perspectiva, é importante que isso seja pauta no debate da educação, pois poderá ajudar a conceber a transformação da realidade de exploração do ser humano e da natureza em direção à superação do capitalismo, mas, quando se tenta trazer para dentro das escolas é necessário estar atento ao que expressa (Caldart, 2017, p. 164):

[...] a escola não pode desenvolver sua tarefa educativa apartada da vida, suas questões e contradições, seu movimento. Mas esta ligação entre escola e vida (trabalho, luta, cultura, organização social, história) precisa de uma formulação para que os momentos de estudo não se reduzam a conversas sobre aspectos ou problemas da realidade, mas possam garantir efetiva apropriação de conhecimentos necessários à construção de novas relações sociais e de relações equilibradas entre o ser humano e a natureza.

Desse modo, a Ecoescola Thomas a Kempys apresenta no seu currículo agroecologia, pois a comunidade escolar entende como sendo necessária e sua introdução que foi implantada no ano de 2001, com a seguinte ementa:

Quadro 1: Ementa da Disciplina Agroecologia - Ensino Fundamental e Médio.

Concepções e importância de agroecologia; trabalho prático, desenvolvimento manejo diário nas áreas de: horticultura, horta medicinal, compostagem, avicultura, caprinocultura, fruticulturas. Produção e comercialização.
Fonte: Ecoescola (2022).

A ementa utilizada dentro da Escola culmina como ela foi constituída no Brasil no final dos anos de 1970, ou seja, uma “agricultura alternativa” mesmo que em contestação a Revolução Verde de 1950, volta-se completamente para as ciências

agrárias por terem sido esses intelectuais a pensarem em uma agricultura sem uso de agrotóxicos. A ementa mencionada é uma evidência do plano de curso a seguir.

Quadro 2: Plano de curso - 2ª série do Ensino Médio.

Disciplina	Unidade	MÊS	Sub-unidade	Metodologia
Agroecologia	1 Caprinocultura/ ovinocultura	JUNHO	1.1 Manejo Alimentar 1.2 Manejo Reprodutivo	Leitura, pesquisa sobre o manejo alimentar incluindo as vitaminas e proteínas, aula prática produzindo ração alternativa e fazendo manejo reprodutivo nos caprinos.
		AGOSTO	1.3 Manejo Sanitário	Palestra com especialista, discussão sobre o manejo na escola e nas famílias. Manejo sanitário na prática nos apriscos e pocilgas.
Agroecologia	2 Quintais Produtivos (horticultura: fruticultura)	SETEMBRO	1.1 Culturas: acerola, manga, maracujá, caju, mamão, goiaba, etc.	Apresentação das características das plantas, seu hábitat, formas de vida, produção de cartazes, Produção de mudas e cuidados com as frutíferas na prática e compostagem
		OUTUBRO	1.2 Horta: Viabilidade Econômica Implantação	Leituras sobre a importância das hortas e sua história, como produzir os canteiros. Prática de preparar os canteiros e plantar.
		NOVEMBRO	1.3 Tratos culturais: poda, coroamento	Discussão sobre os tratos culturais e minicursos, Prática com tratos culturais

Fonte: Ecoescola (2022).

Contrário ao que foi constituído a respeito da agroecologia, no final da década de 1990, os movimentos sociais populares do campo destacam que ela é mais que um instrumento metodológico que simplesmente permite melhor compreensão dos sistemas agrários e soluciona problemas produtivos que a ciência agrária convencional não resolve. É, portanto, um processo de organização social que se orienta pela luta política e transformação social.

Assim, corrobora-se com Caporal y Costabeber (2004) que não se deve confundir os estilos de agricultura alternativa com agroecologia uma vez que elas podem estar limitadas a atender um nicho de mercado. No contexto da discussão, no quadro abaixo, apresentam-se os conteúdos que são ministrados durante as aulas na Instituição Escolar. Vale ressaltar que as temáticas contemplam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Quadro 3: Conteúdos - Agroecologia – Ecoescola.

Semiárido nordestino	AGROECOLOGIA	Plantas medicinais
Agricultura familiar		Apicultura
Modelos de agricultura		Compostagem, adubação
Manejos culturais		Segurança alimentar
Manejo agroecológico		Adubação
Importância nutricional das hortaliças		Pequenas criações com manejo nutricional, alimentar e sanitário
Plantas forrageiras da caatinga		Produção agroecológica e práticas sustentáveis
Formas de cultivo das diversas espécies frutíferas		Plantas melíferas e polinização
Fonte: EcoEscola, (2022). Elaboração: Própria (2023).		

Os conteúdos relacionados ao componente curricular são trabalhados na Ecoescola a partir de um conjunto de projetos e atividades voltados à concretização de práticas educativas que promovem a articulação entre a teoria e prática e a construção coletiva e interdisciplinar no conhecimento com atividades tais como mostra quadro 3. Observa-se nele, que os assuntos são todos voltados para parte agrária que se constituem um conjunto de técnicas. Assim, o modelo proposto pela instituição escolar necessita ser um instrumento para além de metodologias que permita a melhoria nos sistemas agrários.

Quadro 4: Projetos – Agroecologia – Ecoescola.

Atividade	Descrição
Ecotrilha José Ferreira	Idealizada para o desenvolvimento de atividades de campo em que os alunos podem estudar sobre as plantas nativas e suas propriedades, destacando a grande riqueza da vegetação do semiárido
Práticas de ecoturismo	Visita a nascentes de rios, parques ambientais, sítios arqueológicos, áreas de produção agroecológicas
Práticas de medicina alternativa	Manutenção de horta medicinal e oficinas para produção de remédios naturais
Fonte: EcoEscola (2022). Elaboração: Própria (2023).	

No currículo do estado do Piauí, atualmente, a agroecologia é apresentada como disciplina eletiva⁴ no Ensino Médio com carga horária de 80h, tendo 02 aulas semanais. Em exceção às demais escolas, a Ecoescola mantém as práticas agroecológicas como atividades integradoras estando distribuídas da seguinte forma: 01 aula na primeira série, 03 aulas na segunda e 01 aula na terceira, abordando o tema economia atrelado à agroecologia, dando ênfase ao quadro 04, trabalho realizado pelas famílias dos alunos que são agricultores na sua grande maioria.

No Ensino Fundamental, as práticas agroecológicas apresentam-se como a parte diversificada do currículo, tendo duas aulas semanais com temáticas, a exemplo de: horticultura, fruticultura, avicultura, apicultura, caprinocultura desenvolvendo técnicas de produção agroecológicas.

Com vista a nortear o que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o currículo do Piauí realiza atividades como: visita a Feira Agroecológica Saberes e Sabores promovida pelo Centro de Formação Mandacaru com o objetivo de conhecer a produção e compreender a comercialização dos produtos mediante questionários elaborados pelos próprios estudantes, sendo uma prática interdisciplinar que envolve Agroecologia, Língua Portuguesa e Matemática.

Verifica-se que o conhecimento em agroecologia se constitui,

[...] mediante a interação entre diferentes disciplinas, para compreender o funcionamento dos ciclos minerais, as transformações de energia, os processos biológicos e as relações socioeconômicas como um todo, na análise dos diferentes processos que intervêm na atividade agrícola (Altieri, 1989, p. 35).

Conforme autor, a disciplina busca por superar o conhecimento fragmentário,

4. Disciplinas eletivas são unidades curriculares de livre escolha dos estudantes, mas de caráter obrigatório, ofertadas semestralmente. Têm essencialmente, características de unidades curriculares mais práticas, lúdicas e interativas (Piauí, 2022).

compartimentalizado, cartesiano, em favor de uma abordagem integrada, presente na escola, mas se distancia do que é defendido à via camponesa que pensa e tem como base o cuidado e defesa da vida, produção de alimentos, consciência política e organizacional, destacando que ela é inseparável da luta pela soberania alimentar e energética, pela defesa e recuperação de territórios, pelas reformas agrária e urbana.

As fotos a seguir evidenciam que a Instituição permanece nos conceitos abordados em 1980 em que englobava Agroecologia como uma disciplina centrada nos princípios ecológicos básicos para estudar, manejar agroecossistemas produtivos, ou seja, apenas agrária.

Foto 1: Aula de horticultura.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Foto 2: Aula prática de compostagem.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

As atividades práticas são importantes, contudo, quando dissociadas da teoria perde o sentido, especialmente, porque a Escola é composta por filhos e filhas de camponeses. Assim, inserir Agroecologia pautada nos princípios camponeses,

compreende-se que não é apenas a produção agrícola e sim a reprodução da vida em sua totalidade pois ela retoma a relação com a natureza, o que deve ser trabalhado na escola.

Nesse sentindo, ao questionar se a coordenação pedagógica e a gestão do Centro de Formação Mandacaru (CFM) acreditavam que o ensino-aprendizagem da agroecologia possibilita um entendimento da importância da natureza para vida humana, relatou que:

Sim, é uma compreensão de mundo, de como nos relacionamos e que quando o aluno percebe que o alimento que se come é produzido com técnicas que respeitam a natureza, valorizam os sujeitos produtores e culturais, muda a relação do homem com a natureza. Desenvolvem uma relação com a natureza através de olhar para terra (G-1).

Observando a fala acima percebe-se como os avanços tecnológicos na agricultura modificaram a relação homem/mulher/natureza a partir da utilização do moderno, com apropriação das mineradoras baseado na extração de opala⁵, que degrada o solo e promove desapropriação dos camponeses, como aponta o estudo de Gomes (2011) quando menciona que a mineração contribui para a diminuição da flora nativa e altera a geomorfologia local, tornando o solo mais exposto. Esse manejo repercute na mudança no plantio favorecendo a redução das áreas da agricultura.

Desse modo, a relação homem/mulher/natureza está cada vez mais distante à medida que a ciência e tecnologia avançam por meio do uso de agrotóxico, inserção do agronegócio causando, assim, perda de práticas de cultivos e de cuidado com a natureza. Nesse sentindo, os gestores da CFM e da Ecoescola esclarecem que agroecologia busca a retomada do homem enquanto sujeito detentor de um conhecimento acumulado ao longo do tempo, já que respeita e valoriza especificidade local e cultural em favor da retomada de uma relação direta com a natureza.

Nesse sentindo a escola trabalha buscando mostrar aos estudantes a importância da ligação homem/mulher/natureza por meio de práticas como selecionar e guardar as sementes (crioulas ou da fartura), como fotos abaixo:

Foto 3: Separação de Sementes.



5. Exploradas desde 1942 e com ela são produzidas joias artesanais que movimentam a economia da cidade, tendo como ponto forte de comercialização o Festival de Inverno - um evento artístico-cultural de caráter anual.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Na foto 3, demonstra a prática de retirar as sementes crioulas e selecionar as que são manejadas pelos(as) agricultores(as) para serem utilizadas para o plantio novamente no ano seguinte.

A ação de selecionar, consiste em um bom cultivo, que significam verduras, plantas de melhor qualidade, que possam viabilizar a vida, inclusive dos animais, dos polinizadores, dos micro-organismos tão importantes para garantir uma alimentação saudável, diversificada. O exemplo aponta a necessidade de se manter a relação homem/mulher/natureza para construção de ambientes equilibrados.

Foto 4: Banco de sementes- Ecoescola.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Na foto 4, mostra o banco de sementes da Ecoescola em construção, alimentado pelos estudantes com o que é produzido na própria escola. Nessa perspectiva, os docentes, quando indagados se consideravam que suas atividades contribuíam para o processo ensino-aprendizagem, conforme os princípios da relação homem/mulher/natureza, 100% responderam que sim, como mostram as falas dos docentes 02 e 04 abaixo:

Muito. Quando entramos em contato direto com a escola mudamos a concepção de muitas coisas. A escola visa muito a ecologia. Vemos que há formas de se viver junto à natureza sem causar sua destruição. Agrega muito nos conhecimentos trazidos por nossos ancestrais, despertando um interesse maior pelo aluno (D A-02)

Através da compreensão de que somos parte da natureza e que não podemos sobreviver nem viver sem ela, a nossa relação de respeito, preservação e harmonia com todos os seres e com tudo que está a nossa volta ajuda a desenvolver a consciência cidadã necessária (D MA-04).

Mas, ao observar as falas acima, percebe-se que existe divergência de conceitos ou falta da compreensão dos termos, o que automaticamente interfere na compreensão dos estudantes na relação homem/mulher/natureza, por isso a compreensão da

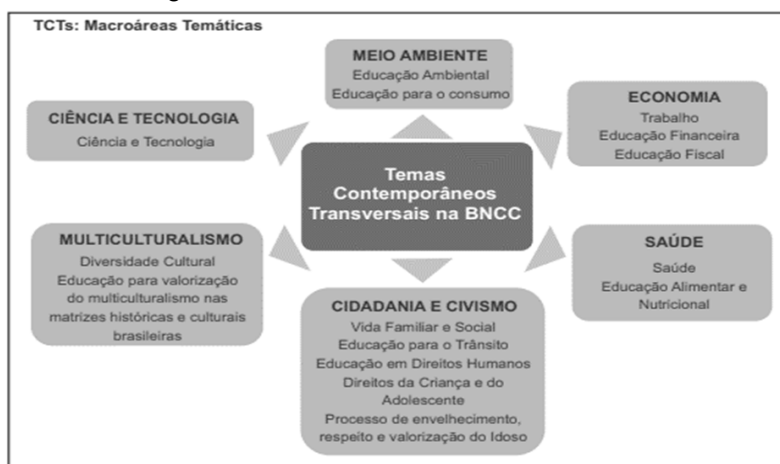
agroecologia apenas como conjuntos de técnicas, como se observa na fala do estudante-20. No momento em que é questionado se os docentes desenvolvem atividades que contribuem para o processo ensino-aprendizagem, conforme os princípios da relação homem/mulher/natureza, ele relata: “sim, através do ensino de compostagem, da reciclagem, das hortas e dos canteiros medicinais” (E- 20).

Nessa lógica, há uma necessidade da disciplina de Agroecologia na educação, especialmente, em escolas situadas no campo de Escolas Família Agrícola. Os espaços formativos do espaço rural ou mesmo urbano precisam ser ressignificados com currículos que tenham a terra como condição de vida e, nesse caso, a alimentação saudável é fundamental.

Assim, a disciplina na educação vem se configurando de distintas formas: como aquela a compor currículo escolar ou como conteúdo em diferentes disciplinas, como eixo transversal, sobretudo ligadas às ciências da natureza, ou até mesmo como tema gerador e integrador que, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresenta-se como Temas Contemporâneos Transversais⁶ (TCTs) no Ensino Fundamental e Médio estando presente na Macroárea Meio Ambiente abrigando dois temas que se auxiliam e se complementam: a Educação Ambiental e Educação para o Consumo, segundo a BNCC (2018), como mostra figura 1 abaixo.

O que acontece na escola já indicam aspectos importantes da agroecologia e permitem diferenciá-la de outros processos dos quais tem sido interpretada como sinônimo, seja no que se refere a elaboração teórica, seja do cotidiano.

Figura 1: Macroáreas Temáticas da BNCC.



Fonte: Brasil (2018).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) abordavam-se seis temáticas, já a BNCC aponta as 06 (seis) macroáreas temáticas, como figura acima, englobando 15 (quinze) Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) que afetam a vida humana em escala local, regional e global. Para a BNCC (2018) os TCTs, de forma integrada, podem instrumentalizar os estudantes para um maior entendimento da sociedade

6. Os Temas Contemporâneos Transversais são estratégias para promoção da contextualização do conteúdo ensinado em aula, desde que os temas inseridos sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão (Brasil, 2018).

em que vivem.

Diante do exposto acima, Caldart (2019) explica que a agroecologia não pode ser feita por um docente ou uma disciplina isolada. Requer e possibilita o trabalho coletivo, pois não significa apenas ensinar habilidades técnicas para os estudantes ajudarem a tocar a produção familiar ou mesmo se empregarem nas empresas de produtos “orgânicos” é muito mais. Reforçando o pensamento de Mészáros (2008), educação não é um negócio, é criação e por isso não deve qualificar para o mercado, mas, para a vida.

Nessa perspectiva, a agroecologia na Ecoescola aparece sem ser disciplina, mas como integradora. Mesmo sendo, aponta para uma questão social, todavia fica distante do que é sinalizada pelos movimentos sociais do campo, já que eles preconizam que o modelo seja inserido na busca por construir uma sociedade de produtores livremente associados para sustentação de toda a vida, na qual o objetivo final deixa de ser o lucro, passando a ser a autonomia humana, por essa razão, a existência do Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária (PRONERA). (Via Campesina e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2006).

Assim, a chegada do modelo acima nas escolas deve ser planejada, não como algo à parte, como sugere a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas como uma dimensão de realização do vínculo entre educação, trabalho e vida, pensando na escola como um todo, inclusive na comunidade para que ocorra o entrelaçar de valores, relações sociais, conexão com o ambiente em que a escola se insere e que pode ajudar a transformar.

Para inserção segundo pressupostos da Via Campesina enquanto um processo educativo, é necessário organizar a formação dos docentes, devendo ser pensada a partir da vivência e das práticas sociais nas comunidades, formação do coletivo e de cada pessoa. É preciso compreender a necessidade de integração de áreas e organização curricular que deve expressar a complexidade da escola envolvendo uma teia de conhecimentos, valores e saberes (Begnami, 2019).

Dessa forma, os docentes devem ser comprometidos com a prática social agroecológica que se expressa ao mesmo tempo como um ato prático-material e como ideação e reflexão, em uma relação dialética ação-pensamento-ação, práxis, ação consciente sobre a natureza que transforma, também, o próprio sujeito e isso é processual.

As práticas agroecológicas não podem ser deslocadas da teoria, já que sua compreensão imprime relação homem/mulher/natureza, sendo um modo de vida, uma redefinição na relação com a terra, caracterizando, assim, uma nova perspectiva cultural, negando o processo de dependência dos insumos ofertados pelo Estado desfazendo esse vínculo.

A agroecologia é a base científica de construção da agricultura camponesa capaz de confrontar modelo de agricultura voltada para o negócio. Portanto, não pode ficar de fora do projeto educativo das escolas.

3. A terra para agroecologia na produção e reprodução de gente - a práxis pedagógica

Os processos educativos passam pelo trabalho advindo do conjunto de experiências e vivências dos sujeitos. “A experiência que nos marca é a do trabalho, da produção, o ato produtivo que nos produz como pessoas” (Arroyo, 2000). Desse modo, produção, que é resultado do trabalho, a exemplo da agricultura, produz a gente.

Na conjuntura Caldart (2000) expressa:

[...] é possível lavrar a terra, trabalhando-a para que se reproduza em vida, alimentos, beleza, também é possível lavrar o ser humano, justamente para que se produza e reproduza na plenitude de sua humanidade, no seu fazer-se humano (Caldart, 2000, p. 221).

A autora mostra que a terra só tem sentido se for para produção e reprodução de “gente”⁷, pois é somente dela que há o cultivo de alimentos necessário. Nesse sentido, quando a escola é inserida no campo, deve levar em consideração os saberes, as vivências do povo camponês que podem ser partilhados em diversos momentos pela comunidade (Caldart, 2000). A respeito do assunto, Arroyo elucida que a escola precisa estar em sintonia com os saberes, valores e cultura da comunidade, pois se constitui como espaço de garantia de direitos (Arroyo, 2000).

Nessa perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei 9.394/96 assegura no Art. 1º (1996, p.01) que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Assim, a escola inserida no espaço rural, vincula-se ao mundo do trabalho no campo relacionado aos processos culturais. Então, é necessário que a Instituição Escolar compreenda que sem a terra não há dignidade. Nesse sentido, Caldart (2000, p. 221) considera “enquanto seres humanos, também somos terra e não apenas nos relacionamos com ela”.

Nessa perspectiva, a realidade do campo no que se refere terra e trabalho na produção e reprodução de gente, não pode ficar fora da sala de aula porque a partir daí a práxis pedagógica - na relação professor e aluno poderá se efetivar.

Nesse contexto, Caldart (2000) explica, veemente, a necessidade apontada pelo autor acima:

[...] de modo geral, as práticas escolares se constituem como se a vida da escola pudesse ter completa isenção em relação à vida mesma, é como se educadores e educandos não tivessem uma história e um engajamento social anterior e posterior a sua passagem por ela (Caldart, 2000, p. 242).

A fala da autora demonstra que a escola precisa ter um processo educativo que construa suas próprias características e a de seus sujeitos e, também, reconheça ações e posturas diante da sua relação com a sociedade que implica tomar posição política e prática no confronto de modelos de agricultura.

Os processos de formações dos movimentos podem extrair-se matrizes pedagógicas para construção de uma escola preocupada com a formação humana e com agricultura camponesa com base agroecológica.

Nesse viés, entende-se para que a escola cumpra com a sua função social no compromisso com a transformação da sociedade necessita contemplar a práxis. Quando se observa algumas práticas agroecológicas da Ecoescola como fotos

7. Freire (1997) dá um caloroso sentido para “gente” como um ser inacabado, condicionado, ciente da inconclusão. Para o autor, construção perpassa pelo que herda geneticamente, social, cultural e historicamente.

abaixo, percebe-se que ainda não é práxis, pois, ela “é uma atividade teórico prática; ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material” (Vásquez, 1997).

Foto 05: Atividade relacionada à apicultura.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Foto 06: Atividade relacionada a quintal produtivo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Diante das atividades, evidenciam-se os sujeitos da práxis, todavi, em processo de materialização dela, justamente porque é somente a atividade sem indícios de transformação da sociedade, tendo em vista que, no município, há presença de mineradores. Vásquez (1997) destaca que “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”. Assim, as atividades devem ser ação para transformação, o que ainda não se encontra perceptível pelos docentes conforme falas:

A escola destina uma semana, no ano, para trabalho exclusivo à política. Esse projeto busca retirar dúvidas em termos relacionados a cidadania e política. Esse momento desperta entusiasmo aos alunos (D- 02- MN).

[...] a escola cumpre tal função promovendo diversas ações ao longo do ano, a exemplo da semana de formação política. De forma bem concreta temos disciplina voltada para a formação cidadã e ética (D-03-H)

Primeiramente ao se trabalhar a ideia de ecologia, já está se optando por uma posição política e depois conscientizando os educandos de sua importância para a transformação positiva da sociedade em que vivemos (D-05- G).

A citação dos docentes acima, corrobora-se com Arroyo (2000, p. 14) quando expressa “que é urgente colocar, nos processos educativos, as teorias da formação humana em outros patamares, bem mais eloquentes do que a tão trilhada e estreita vinculação entre escola e mercado”.

Vásquez (1997, p. 222) menciona que:

[...] a prática em seu mais amplo sentido e, particularmente, a produção evidencia seu caráter de fundamento da teoria na medida em que está se encontra vinculada às necessidades práticas do homem social.

Nessa lógica, observa-se a fala dos estudantes 20 e 08: “desde que aprendi a mexer com mel, ensinei meu pai e ele agora vende, o que tem melhorado muito a renda da minha família. Ele entendeu que precisamos da natureza conservada, dos insetos para ter uma boa produção” (E-20). “aprendi aqui na escola sobre o quintal produtivo e hoje temos em casa um sistema igual, meus pais melhoraram a renda e também preservamos a área. Eu acho muito importante tudo que fazemos aqui” (E-08).

Como teoria e prática dentro da escola não se fundem, os discentes, mediante falas, veem a realização dessas atividades com uma possibilidade de melhoria de renda o que é importante, mas, ainda não expressaram que essas atividades necessitam ir para além de produção local, comercializada na feira agroecológica promovida pelo Centro de Formação Mandacaru.

Elas, podem quebrar a presença das grandes empresas e até mesmo das mineradoras que expropriam as terras dos seus pais. Assim, a práxis apresenta-se como um processo que pode culminar com a transformação docente e discente.

Diante dos relatos dos educandos Caldart (2023, p. 6) ilustra:

[...] aprendemos que é possível transformar o entorno da escola no ambiente de realização de seu trabalho educativo específico de modo a conectá-lo com as questões da vida, para compreensão e ação sobre elas.

Assim, Arroyo (2000) elucida-se que a escola deve “interpretar os processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese[...] organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura, dar instrumentos científicos-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade” (p.78).

Nesse sentido, o docente necessita no exercício da sua função, produzir a articulação crítica entre teoria educacional e prática educativa, entre o ser e o fazer

educativo, num processo que seja ao mesmo tempo formativo e compromissado com o contexto em que o profissional esteja inserido.

Dessa forma, é necessário que a escola se preocupe com a formação que gere ações concretas, que as mesmas sejam desenvolvidas no sentido de contribuir para promover uma consciência da práxis, proporcionando “ao professor condições de se perceber como sujeito de seu trabalho”. (Caldeira y Zaidan, 2013, p. 30).

O pensamento das autoras ainda, não tem materialidade dentro da escola estudada, justamente por ser processual diante de um quadro docente volátil na referida instituição que não entendeu a importância da terra para ação política, ou seja, implantação da agroecologia na produção e reprodução de gente, bem como as opções políticas de ser ao mesmo tempo filantrópica e educação de tempo integral.

4. Algumas considerações

O estudo proposto foi de grande relevância pela necessidade de compreender que escolas localizadas no campo podem inserir na sala de aula a realidade vivenciada ou não, especialmente, quando fazem opção pela Educação de Tempo Integral.

A referida modalidade de ensino, na medida que ganha corpo no espaço rural distancia os sujeitos da práxis, especialmente, estudantes de se reproduzirem como tal, uma vez que passam muitas horas dentro da escola. A afirmativa se justifica no fato de que na análise de Oliveira (2001) as crianças ao atingirem 12, 14 anos, passam a desempenhar tarefas de adultos. Nesse momento, segundo o autor, o(a) jovem precisa continuar na propriedade, pois é parte integrante da força de trabalho familiar e manutenção dela. Desse modo, permanecendo, garante a reprodução social do trabalho camponês. Porém, com o aumento da família, a migração é inevitável.

Nessa perspectiva, mesmo em Instituições de ensino que não sejam diretamente relacionadas à educação do campo, é necessário a inserção da agroecologia, desafio que passa pelo fortalecimento de uma tomada de decisão política que valorize as lutas de resistências dos trabalhadores para a construção de um projeto de agricultura que tenha outra lógica que não a do negócio, pois a permanência dos camponeses na terra e sua reprodução social encontra-se ameaçada pelo modelo tecnológico que exige mudança na maneira de produzir. Tarefa que as escolas que se identificam com esta construção, precisam assumir com empenho.

Desse modo, promover agroecologia como prática social significa a luta contra a expropriação, pela soberania alimentar e por uma sociedade mais justa. Por isso, a importância de escolas comprometidas para transformação de “gente”, não somente dentro da comunidade escolar, mas fora dela.

Assim, no momento em que escolas situadas no espaço rural utilizam das ciências agrárias apenas como técnicas agrícolas cuja finalidade é melhorar a agricultura familiar, gera uma lacuna no tocante ao seu real sentido que é utilizar os conhecimentos dos camponeses como condição de valorização da vida, incluindo natureza e ser humano.

Portanto, a EcoEscola Thomas a Kempis tenta uma aproximação com a matriz pedagógica em três dimensões: prática, ciência e luta, pois, “as práticas e lutas orientam a produção da ciência; a ciência fundamenta as lutas e reorienta práticas” (Caldart, 2019, p. 5).

Destaca-se que é possível implementar a Agroecologia na escola de Educação Básica segundo o seu viés social e político. Para que isso aconteça, é fundamental

que o ponto de partida seja as escolhas tomada pela própria escola no que se refere à valorização humana, já que é possível avançar na aproximação entre escolas no campo e agroecologia pela potencialidade, a importância política, social e ética.

Referências

- Altieri, M. A. (1989). *Agroecologia: Bases Científicas para Agricultura Alternativa* (2.^a ed.). Rio de Janeiro: PTA/Fase.
- Arroyo, M. G. (2000). *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Begnami, J. B. (2019). *Formação por Alternância na Licenciatura em Educação do Campo: possibilidades e limites do diálogo com a Pedagogia da Alternância* [Doctoral Thesis, Universidade Federal de Minas Gerais]. Recuperado de <https://hdl.handle.net/1843/32692>
- Caldart, R. S. (2000). *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Editora Vozes.
- Caldart, R. S. (2017). Trabalho, agroecologia e educação politécnica nas escolas do campo. En J. H. Pires, H. T. Novaes, A. Mazin, y J. Lopes (Eds.), *Questão agrária, cooperação e agroecologia* (Vol. 3, pp. 1–33). São Paulo: Outras Expressões. Recuperado de <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/trabalho-agroecologia-e-educacao-politecnica-nas.pdf>
- Caldart, R. S. (2019). *Agroecologia nas Escolas de Educação Básica: fortalecendo a resistência ativa*. Anais do VIII Encontro Estadual de Educadoras e Educadores de Assentamentos de Reforma Agrária do MST RS. Nova Santa Rita. Recuperado de <https://www.biodiversidadla.org/Documentos/Agroecologia-nas-Escolas-de-Educacao-Basica-fortalecendo-a-resistencia-ativa>
- Caldart, R. S. (2020). *Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo*. Texto preparado para Aula Inaugural do semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral. Recuperado de <https://olhoscriticos.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/03/artigo-func3a7c3a3o-social-das-esc.-do-campo-e-desafios-educac.-do-nosso-tempo-roseli-s.-caldart.pdf>
- Caldart, R. S. (2023). Educação do Campo 25 anos: legado político-pedagógico. *Revista Cocar*, pp. 1–15. Recuperado de <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9788>
- Caldeira, A. M. S. y Zaidan, S. (2013). Práxis pedagógica: um desafio cotidiano. *Belo Horizonte: Paideia*, 10(14). Recuperado de <https://www.sumarios.org/artigo/pr%C3%A1xis-pedag%C3%B3gica-um-desafio-cotidiano>
- Caporal, F. R. y Costabeber, J. A. (2004). *Agroecologia: Alguns Conceitos e Princípios*. Brasília: MDA–SAF–Dater-IIICA.
- Conceição, A. L. (2021). Usos e abusos da categoria território. *Revista da ANPEGE*, 17(32), pp. 7–21. doi: <https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.13582>
- Fernandes, B. M. (2012). Via Campesina. En R. S. Caldart, I. B. Pereira, P. Alentejano, y G. Frigotto (Eds.), *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 767–770). Rio de Janeiro,

- São Paulo: escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (6.^a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gomes, D. d. O. B. (2011). *Mineração, turismo e ambiente em Pedro II, Piauí* [Doctoral dissertation, Universidade Estadual Paulista (Unesp)]. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/104343>
- Guhur, D. M. P. y Toná, N. (2012). Agroecologia. En R. S. Caldart, I. B. Pereira, P. Alentejano, y G. Frigotto (Eds.), *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 59–67). Rio de Janeiro, São Paulo: escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Recuperado de https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2009/04/lei_diretrizes.pdf
- Mészáros, I. (2008). *A educação para além do capital. Isa Tavares (Trad.)* (2.^a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Minayo, M. S. (2007). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (26.^a ed.). Petrópolis RJ, Vozes.
- Ministério da Educação. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília. Recuperado de <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/base-nacional-comum-curricular-bncc>
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão-SECADI. (2012). *Educação do Campo: marcos normativos*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão-Brasília. Recuperado de https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf
- Oliveira, A. U. (2001). *A agricultura Camponesa no Brasil* (4.^a ed.). São Paulo: Contexto.
- Pires, J. H. S. (2017). Caminhos Alternativos: a proposta dos Cursos Técnicos de Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Paraná. *ORG & DEMO*, 18(2), pp. 23–44. doi: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2017.v18n2.03.p23>
- Vásquez, A. S. (1997). *Filosofia da práxis: tradução de Luis Fernando Cardoso* (2.^a ed.). Rio de Janeiro, Paz e Terra.0